

Criméia: a guerra prototecnológica

João Carlos Jânio Gigolotti*

RESUMO

Este artigo apresenta a Guerra da Criméia, primeiro conflito em que foram utilizados equipamentos militares e armamentos modernos em grande escala, desenvolvidos no contexto da Segunda Revolução Industrial, caracterizando-a como a primeira das guerras tecnológicas e que abriu o caminho para uma nova era da arte da guerra – a *guerra total*.

PALAVRAS-CHAVE
Guerra, Criméia.

Após as guerras napoleônicas, as antigas grandes potências européias – Império Britânico, França, Áustria e Rússia – mantiveram-se em equilíbrio e permaneceram em paz por quase quarenta anos.

A ação do Príncipe Klemens Von Metternich, no Congresso de Viena de 1815, muito mais do que garantir esse período de relativa tranquilidade, teve o mérito de gerar o embrião de um organismo supranacional que garantisse a paz mundial, idéia que culminou com a criação da Liga das Nações, após a Primeira Guerra Mundial, e, posteriormente, da Organização das Nações Unidas (ONU).

Entretanto, o equilíbrio anteriormente aludido seria rompido com a eclosão da

Guerra da Criméia (1854 a 1856), conflito de caráter internacional, que se tornou o prelúdio de uma nova era para a arte da guerra.

A humanidade começava a trilhar o longo e pedregoso caminho da guerra total, fruto das interpretações dadas às teorias de Karl Von Clausewitz.

Em seguida à Guerra da Criméia, uma grave convulsão interna revolveria a jovem e já emergente nação estadunidense, quando a aplicação daquelas teorias na Guerra da Secessão (1860 a 1865) permitiria a vitória dos nortistas da União sobre os secessionários e escravocratas sulistas.

Os Estados Unidos da América, estribados no sangue de quase um milhão de vítimas daquela guerra civil e fundamentados no liberalismo econômico e na

* Tenente-coronel de Engenharia. Instrutor de História Militar na AMAN.

democracia, se projetariam, alcançando o patamar de grande potência industrial, ainda no final do século XIX.

Em vários conflitos que logo se seguiram, as também jovens nações sul-americanas - Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai - resolveram suas pendências políticas e territoriais em uma guerra sangrenta, a Alemanha conseguiu a almejada unificação política, e o Japão, modernizado pela Revolução Meiji, mostrou ao mundo que uma potência asiática podia derrotar uma potência européia.

Mas todos esses conflitos soaram como ensaios para o *grande ato*, a Primeira Guerra Mundial, aquela que alguns ingênuos e incautos julgaram ter sido a *guerra para acabar com todas as guerras*.

Entretanto, não fosse a empáfia daqueles que se julgam *culturalmente superiores*, muitos ensinamentos dos conflitos anteriores poderiam ter evitado a carnificina que se verificou na Frente da Europa Ocidental naquela guerra.

A humanidade não teria, então, revivido as tragédias resultantes dos ataques de infantaria, ondas sucessivas de milhares de homens desprotegidos contra o fogo mortífero dos fuzis e das metralhadoras, como fora visto na Guerra da Secessão ou na Guerra Russo-Japonesa (1904 a 1905).

Espíritos lúcidos teriam sabido estabelecer a devida relação entre a Linha Negra, produto da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864 a 1870), e as lamacentas trincheiras daquela frente de

combate na Europa Ocidental, que ceifaram milhares de vidas sem apresentar resultados militares práticos.

Dentre os inúmeros fatores determinantes dos resultados dessas guerras, destaca-se o largo emprego de novos equipamentos militares colocados à disposição dos exércitos, fruto das inovações trazidas pela revolução tecnológica que se processou durante o século XIX.

Assim, o esforço nacional empreendido pelo Brasil contra o Pa-

raguai, na Guerra da Tríplice Aliança, permitiu que o Exército e a Marinha Imperiais tivessem à sua disposição os meios militares mais modernos, desde *fuzis de agulha* até poderosos encouraçados.

Todavia, esse esforço custoso abalou a economia brasileira, enquanto o Paraguai, que fizera uma campanha proporcionalmente muito maior, terminou a guerra completamente arrasado. A guerra total apresentava novamente seus efeitos funestos.

A seguir, na Guerra Franco-Prussiana (1870 a 1871), a formidável organização do exército alemão, aliada ao emprego de modernos equipamentos - ferrovias, canhões de aço, etc. - permitiu sua vitória sobre os franceses, há muito tempo esquecidos dos conceitos da guerra moderna ensinados por Napoleão I.

Um pouco mais tarde, foi a tecnologia aplicada à moderna marinha japonesa que garantiu a vitória sobre a Rússia czarista, em 1905.

Demonstrar que, na Guerra da Crimeia, pela primeira vez, se reuniram di-

***O esforço nacional
empreendido pelo Brasil contra
o Paraguai, na Guerra
da Tríplice Aliança, permitiu que
o Exército e a Marinha Imperiais
tivessem à sua disposição os
meios militares mais modernos,
desde fuzis de agulha
até poderosos encouraçados.***

versos elementos da novel tecnologia, tornando-a pioneira das guerras tecnológicas, é o objetivo proposto neste ensaio.

A ARTE DA GUERRA E A SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

A guerra da Criméia insere-se no limiar de um período histórico de elevada criação tecnológica, provavelmente mais importante para a humanidade que o século XX, porque a retirou de milhares de anos de lenta evolução, fornecendo-lhe os instrumentos e as bases necessárias para uma exponencial ampliação do conhecimento.

Era o começo de um fenômeno histórico que se convencionou chamar de Segunda Revolução Industrial.

Para a arte da guerra é também um período de grandes inovações. A invenção da carne enlatada, do leite em pó e da margarina, entre 1840 e 1860, solucionou os problemas da dependência de gêneros perecíveis, que tornavam difícil o aprovisionamento da tropa, permitindo a execução das operações militares a maiores distâncias e com menores limitações de tempo.

A ciência médica também sofreu significativa evolução. Os anestésicos foram utilizados, pela primeira vez, em proveito de feridos em combate, em 1847, e novos conhecimentos médicos permitiram a redução dos casos de infecções pós-operatórias como o tétano, a gangrena e a septicemia. Além disso, o socorro médico tornou-se mais rápido, pela utilização de ambulâncias puxadas a cavalo.

Na Guerra da Criméia surgiu o serviço de enfermagem. Soldados ingleses, feridos nos campos de batalha, apresentavam uma alarmante estatística de mortalidade, pois

a pouca assistência que recebiam dava-se em precárias condições, em razão da indiferença do comando em relação ao assunto, o que era a tônica àquela época.

A ação de Florence Nightingale, a *dama da lâmpada*, com suas voluntárias, adotando medidas simples de saneamento, higiene e limpeza conseguiu, em pouco tempo, baixar para 2% a mortalidade existente entre os feridos hospitalizados. Sua ação também serviu para firmar um novo papel para a mulher em relação à guerra.

Entretanto, se a Grã-Bretanha teve Florence Nightingale, os russos tiveram seu célebre cirurgião Pirogov, que organizou uma ordem de irmãs enfermeiras para cuidar dos feridos. Uma delas, conhecida como Daria Sebastopolskaia, conquistou renome pela coragem que demonstrou em socorrer feridos sob fogo inimigo.

Inaugurou-se, também, um revolucionário meio de comunicação - o telégrafo - aposentando os antigos semáforos, criados em 1794, na França, e empregados por Napoleão Bonaparte numa rede que alcançava Veneza, Amsterdã e Mainz, permitindo a transmissão de mensagens entre Paris e Lille, a 270 quilômetros de distância em apenas cinco minutos.

Durante a Guerra da Criméia, a rede telegráfica, já instalada na Europa, foi estendida até a península da Criméia, permitindo que Napoleão III pudesse intervir diretamente nas operações aliadas em nível estratégico e que William Henry Russell, do periódico *The Times*, o mais famoso dentre os primeiros correspondentes de guerra, pudesse enviar seus relatórios.

Este é outro ponto que se apresenta como novidade da Guerra da Criméia: o trabalho desses correspondentes, presentes

no campo de batalha, reportando os acontecimentos em curto espaço de tempo e aproveitando a influência da mídia sobre a opinião pública, para interferir na condução das atividades militares. É fato incontestável que suas reportagens sobre as grossas falhas do comando das forças britânicas levaram à reforma do exército britânico.

Igualmente, foi a primeira guerra fotografada, em virtude do trabalho de Roger Fenton, que percorreu os campos de batalha em uma carroça transformada em laboratório.

Em contrapartida, surgiu o conceito da censura militar, empregada por parte do comando britânico, para limitar a ação desses repórteres.

A utilização dos modernos fuzis de percussão, com cano de alma raiada, principal inovação no armamento da infantaria na primeira metade do século XIX, na Guerra da Criméia mostrará todo seu poder de fogo sobre as colunas de ataque russas, que sucumbem diante das defesas francesas e britânicas.

Foi o escocês Alexander Forsyth que, em 1807, patenteou o uso do fulminato de mercúrio em armas de fogo, o que determinava a ignição da carga de pólvora por percussão, ao invés da ação do fogo para sua detonação, e permitia o emprego da arma sob condições meteorológicas adversas.

A invenção da cápsula de percussão foi adotada pelos exércitos europeus somente a partir de 1836, seguindo-se, em

1840, o desenvolvimento do fuzil de alma raiada, com mecanismo de disparo por percussão, a criação do *fuzil de agulha*, em 1841, pelo alemão Johann von Dreyse, e o invento do projétil cilindro-ogival, pelo capitão Claude Minié, em 1849.

A invenção da cápsula de percussão foi adotada pelos exércitos europeus somente a partir de 1836, seguindo-se, em 1840, o desenvolvimento do fuzil de alma raiada, com mecanismo de disparo por percussão, a criação do fuzil de agulha, em 1841, pelo alemão Johann von Dreyse, e o invento do projétil cilindro-ogival, pelo capitão Claude Minié, em 1849.

A junção dessas invenções permitiu a execução de tiros mais precisos e a maiores distâncias, em virtude da alta velocidade e da trajetória regular do projétil, e maior rapidez no manuseio do armamento, com expressivo incremento nas baixas da Infantaria.

Entretanto, tais inovações não ficariam restritas ao armamento de

Infantaria. Na Artilharia, como aponta Ruas Santos (*Arte da Guerra*, 1998), o canhão raiado e de carregamento pela culatra fez seu aparecimento na Guerra da Criméia, embora o raiamento e o carregamento pela culatra já fossem conhecidos antes de 1845, mas não reunidos em uma só arma.

Com relação à arte da guerra naval, as inovações tecnológicas foram ainda mais notáveis. A invenção do navio a vapor foi logo aplicada pelas marinhas de guerra. A marinha britânica seria a primeira a incorporar um vaso de guerra a vapor, o *Comet*, construído em 1819, o qual tinha sérias deficiências, como a baixa velocidade, o que o tornava um alvo fácil, principalmente da artilharia de costa; o elevado consumo de carvão, sua fonte de energia, e o grande espaço ocupado pelas rodas laterais, seu sistema de propulsão.

Entretanto, é inequívoca sua grande vantagem em relação às embarcações anteriores, com superior capacidade de manobra, uma vez que agora as esquadras estavam definitivamente livres de sua secular dependência das condições meteorológicas e do regime dos ventos. A partir daí, a história do poder naval jamais seria a mesma.

A Guerra da Criméia emprestou sua contribuição para essas mudanças radicais na arte da guerra naval. Pela primeira vez foram experimentadas, em combate, *baterias flutuantes blindadas*, que se tornariam as precursoras dos encouraçados, que viriam, a seguir, revolucionar as operações navais.

Os primeiros encouraçados foram o francês *Gloire*, lançado em 1858, e o britânico *Warrior*, lançado em 1860, mas sua consagração se daria durante a Guerra Civil Americana, com o emprego do *Merrimac* e do *Monitor*, respectivamente pelas forças Confederadas e pelas forças da União.

O CONFLITO

A Guerra da Criméia foi resultado das pressões imperialistas da Rússia sobre o Império Otomano, em busca de uma saída para o Mediterrâneo, ameaçando os interesses comerciais e estratégicos britânicos, tanto no Oriente Médio como na Índia.

A França provocou o conflito meramente para reafirmar seu poder militar e prestígio internacional, usando a guerra para cimentar uma aliança com os britânicos. Nesse sentido, Napoleão III, aproveitou-se de motivações religiosas e, em 1853, apresentou uma reivindicação junto ao Império Otomano, atinente ao fato de que o clero latino deveria ter o direito de salvaguardar e proteger os lugares santos em Jerusalém.

O Czar Nicolau I contestou imediatamente esse direito de prioridade, em nome do clero ortodoxo. A princípio, o Império Otomano contemporizou, tentando apelar as partes em litígio e, assim, irritou a ambas. Mas haviam surgido outras questões. O governo russo já havia apresentado seu duvidoso direito de proteger as minorias cristãs no Império e apoiara suas reivindicações com a ocupação dos principados do Danúbio.

O Império Otomano, certo de que poderia contar com a proteção das frotas aliadas - Inglaterra e França - ancoradas na Baía de Besika, declarou guerra à Rússia, em 1º de outubro de 1853.

O primeiro ato de guerra foi a destruição de vasos de guerra russos no Porto de Sinope, em 1º de novembro. Por outro lado, os esforços diplomáticos de mediação não logravam efeito, em virtude de os preparativos bélicos encontrarem-se em adiantado andamento.

As esquadras aliadas atravessaram os estreitos de Dardanelos e Bósforo e entraram no Mar Negro, ameaçando impedir o abastecimento das tropas russas na fronteira por via marítima, ao mesmo tempo em que impediriam a proteção das mesmas pelos vasos de guerra do Czar em suas próprias águas.

Como Nicolau I se mostrasse irredutível e não atendesse às exigências para evacuar os principados danubianos, a Inglaterra e a França declararam guerra à Rússia em 27 de março de 1854. A Sardenha, a seguir, juntou-se à coalizão, ao passo que a Áustria permanecia apoiando esses países a distância.

O plano geral dos aliados era assegurar, primeiramente, a posse de Istambul, ponto estratégico de grande importância,

de forma a garantir suas linhas de comunicações antes de atacar a Rússia no Mar Negro, para conquistar Sebastopol e destruir a força russa em seis semanas.

Findo o verão e tendo reunido grande quantidade de armamentos em Varna, os aliados colocaram o plano em execução, enviando uma flotilha para a Criméia em setembro.

O próximo passo foi um desembarque na Baía de Calamita, em 14 de setembro,

êxito e, assim, os russos puderam reforçar as defesas da cidade.

Adotando uma ação indireta, ao invés de atacar Sebastopol pelo norte, onde as defesas russas estavam fortemente organizadas, o comando aliado decidiu desbordar a cidade pelo leste e tomar posição ao sul da fortaleza, empregando, como bases, as baías de Kamiesch e Balaclava.

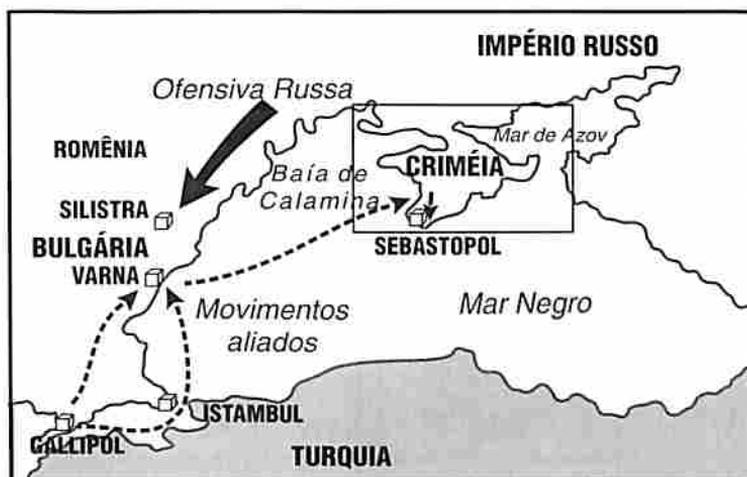
Em 27 de setembro, essa manobra havia sido completada e os britânicos detinham a posse de Balaclava,

garantindo o suprimento logístico por via marítima, ao mesmo tempo em que, com o domínio nominal do Mar Negro, podiam efetivamente sitiá-lo.

Não obstante, em nenhum momento os aliados conseguiram reunir forças suficientes para completar o cerco da cidade, o que exigiu uma pressão direta, a partir das elevações localizadas ao sul.

A carência de artilharia pesada, mesmo com o apoio de fogo da esquadra, a explosão do paiol dos franceses e o pesado fogo de contrabateria a que estes foram sujeitos, frustrou a tentativa de submeter a guarnição sitiada em 18 de outubro.

Por outro lado, as forças russas trabalhavam freneticamente para reforçar suas defesas. Navios foram afundados na entrada da baía para bloqueá-la e 30 mil homens foram deslocados em direção ao interior da península, de forma a se organizar um exército de campanha que ameaçasse as forças aliadas pelo flanco.



Ofensiva russa e estratégia operacional aliada na principal região do conflito

próximo a Eupatória, a cerca de setenta quilômetros ao norte de seu objetivo, Sebastopol, completado somente em 18 de setembro, apesar da fraca resistência militar e devido às péssimas condições meteorológicas.

No dia seguinte, as tropas aliadas iniciaram sua marcha para o sul e, a 20 de setembro, na travessia do Alma, enfrentaram severa resistência dos russos sob as ordens de Menshikov. Ao entardecer, lograram desalojá-los de suas posições e expulsá-los para a fortaleza.

Entretanto, com as tropas exauridas, o comando aliado deixou de aproveitar o

Em 7 de outubro, Menshikov despachou o general Liprandi com 25 mil homens e 78 canhões para empreender uma surtida na retaguarda das forças aliadas, que contavam com 10 mil homens e 20 canhões, em Balaclava.

Essa força tentou o *golpe de mão* contra aquela localidade, em 25 de outubro. O esforço surtiu efeito. As posições defensi-

Enquanto isso, os russos tentavam aproveitar o êxito obtido sobre as forças turcas, com parte de sua cavalaria desviada para o sul. Contudo, enfrentaram a pronta reação de Sir Colin Campbell, com o 93º Regimento de *Highlanders*, que havia estabelecido uma tênue linha defensiva, a qual desbaratou a potente carga da cavalaria russa com seus *miniés*.

Um dos últimos atos da batalha de Balaclava foi um desastre, em termos de decisão militar. Cumprindo uma ordem infeliz, dada por Lord Raglan, a Brigada de Cavalaria Ligeira acometeu o flanco direito russo, pelo outro lado da estrada de Vorontsov, efetuando uma carga desesperada e suicida, imortalizada na obra de Tennyson.

Lord Raglan considerou que os russos haviam posicionado 14 canhões com dominância

de fogos sobre o vale. Em virtude desse fato, as sucessivas cargas inglesas foram infrutíferas, pois os russos continuaram de posse das elevações ao longo das quais corria a estrada de Vorontsov, que doravante seria negada aos britânicos.

Dos 673 homens que iniciaram a carga, 247 morreram, além de terem perdido 497 cavalos.

Somente a ação de tropas francesas, os *Chasseurs d'Afrique*, logrou neutralizar a artilharia russa.

O porto de Balaclava, entretanto, foi salvo e continuou em mãos aliadas, garantin-



Principal teatro de operações – a Criméia

vas estavam guarnecidas por forças turcas de menor poder de combate, entrincheiradas na linha de alturas que dominavam a cidade, facilmente desalojadas e debandadas.

Entrementes, ao norte, os britânicos tiveram que apelar para a sua cavalaria que, até então, protegia-lhes o flanco direito, a fim de conservar suas posições.

A Brigada de Cavalaria Pesada, comandada por Sir John Scarlett, com 800 homens, contrariando a ortodoxia da doutrina da época, realizou uma carga morro acima e conseguiu repelir uma formidável ameaça de 3 mil russos.

do o suprimento, sem o qual suas forças teriam perecido de fome no inverno seguinte.

Os russos também empreenderam um ataque com 6.500 homens, a partir de Sebastopol, sobre as posições aliadas que cercavam a cidade, mas foram repelidos.

Tanto a Batalha de Balaclava quanto a primeira Batalha de Inkerman, em 26 de outubro, serviram para demonstrar a fraqueza das forças sitiadas.

Totalizando 65 mil homens, os Aliados tinham apenas metade do efetivo das forças russas, somadas as tropas em Sebastopol e no interior da península, que continuavam a receber suprimentos via Península de Perekop, ao norte, pelo Mar de Azov, a leste, e por Simferopol. Isso prenunciava os acontecimentos em Inkerman, em 5 de novembro de 1854.

Tendo sido frustrado em sua tentativa de apoderar-se da base britânica por meio do seu exército de campanha, Menshikov decidiu empregar esses efetivos, bem como a guarnição de Sebastopol, num ataque combinado sobre o flanco esquerdo da linha britânica. Isso redundou numa batalha geral, travada nas montanhas que dominam o vale de Chernaya e o porto interno, conhecida como Batalha de Inkerman, luta que oscilou para trás e para a frente, no canto norte-ocidental do terreno elevado, por onde as forças russas podiam desembocar sobre o planalto, através das saídas de várias ravinas que permitiam acesso à posição britânica.

Na Batalha de Inkerman, 635 britânicos, incluindo 43 oficiais, foram mortos e 1.938, feridos; enquanto os franceses sofreram 1.743 baixas, com 25 oficiais e 150 praças mortos, ao passo que dos 35 mil russos envolvidos na luta, as baixas atingiram

11.959 homens, dos quais 4.400 mortos, incluindo seis generais.

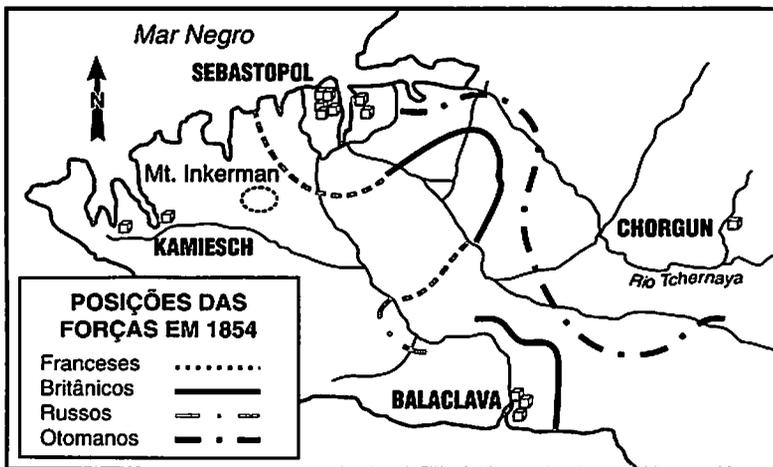
A Batalha de Inkerman foi uma demonstração cabal da falta de visão dos comandos superiores e da ineficiência dos antigos processos de combate, diante das inovações tecnológicas que afetavam o armamento e aumentavam o volume de fogo no campo de batalha. O comentário de um coronel russo após a batalha traduz essa situação: *quase todo o nosso regimento e os comandantes de batalhões e oficiais superiores foram perdidos ... e tudo para nada.*

O plano de ataque russo foi extremamente complexo e muito mal aplicado. O IV Corpo de Exército de Dannenberg ocupou suas posições sem conhecimento do terreno e sem ter realizado reconhecimentos prévios. A falta de coordenação entre as divisões subordinadas de Soimonov e Pavlov levaram a uma divisão de esforços e a ações isoladas. A esmagadora superioridade numérica das forças russas não foi integralmente aproveitada e grande parte de sua artilharia nem sequer foi colocada em ação.

Indubitavelmente, as deficiências do ataque russo foram fundamentais para a vitória aliada. Deve-se destacar que os fuzis *miniés*, utilizados pelas forças britânicas, tiveram importante papel e provaram seu valor, castigando sem piedade as fileiras de soldados russos.

Caso os russos tivessem obtido sucesso em Inkerman, sua manobra teria cortado as linhas de comunicações aliadas e, numa reviravolta, essas forças é que se veriam sitiadas.

Entretanto, o exército russo, do outro lado do Chernaya, sob o comando de



Posições das forças em 1854

Gorchakov, continuava a executar ações secundárias contra a retaguarda britânica que protegia Balaclava. Porém, tais ataques foram mal coordenados, sendo repelidos um após outro pelas tropas desdobradas defensivamente ou por contra-ataques, que reconquistavam o terreno eventualmente perdido.

Ao final, os russos tiveram que renunciar a essas ações e permitir que os aliados trouxessem suas linhas para mais perto da cidade condenada.

A exaustão dos esforços das ações ofensivas russas coincidiu com o advento do inverno e a esperança de descanso para a tropa.

No entanto, mal se havia tomado a decisão de invernar as tropas nas terras altas que haviam sido ocupadas, um violento furacão varreu as posições expostas dos exércitos sitiados, bem como a fortaleza assediada. Foi destruída grande parte dos navios nos portos da Baía de Kamiech, bem como em Balaclava, e os armazéns das provisões dos exércitos.

Dezenas de barracas foram levadas pela enxurrada, ficando as tropas sem abrigo de

qualquer espécie. A chuva transformou-se em neve e as posições, tanto na frente como à retaguarda, converteram-se em mares de lama e atoleiros, impondo terríveis privações às tropas de linha de frente, tornando a tarefa de abastecimento e socorro pavorosa provação e transformando as áreas da retaguar-

da, anteriormente ansiados pontos de repouso, em lamaçais, onde homens e animais se afundavam no mais absoluto desespero, ou procuravam alívio, atirando-se para dormir no meio da lama sempre presente.

Essas condições insalubres impuseram maior mortandade que as batalhas. Homens e animais morriam às centenas. O cólera e outras moléstias trouxeram a sua contribuição para que o número de hospitalizados chegasse a 14.000, e era com a maior dificuldade que as guarnições da linha de frente podiam ser mantidas em serviço.

Em Sebastopol, embora a guarnição tivesse a vantagem das edificações para acantonar, as dificuldades dos russos não eram muito menores. As comunicações eram precárias e os suprimentos tinham de chegar ao teatro de operações pelas estradas do interior. A falta de suprimentos, as intempéries climáticas, o cólera e outros males causaram também significativas baixas entre as tropas russas.

O fim do inverno trouxe mais alento. A reorganização dos hospitais e do serviço médico por Florence Nightingale

contribuiu bastante para afugentar a desgraça que atingira os aliados.

As unidades foram reconstituídas, incluindo o recebimento de um contingente sardo, e o abastecimento para homens e cavalos foi melhorado.

Nesse ínterim, porém, Nicolau I veio a falecer, em 2 de março de 1855, o que não alterou imediatamente a situação, mas contribuiu muito no sentido de preparar o caminho para a paz.

Assim, em fins de março, os aliados estavam prontos para reiniciar o assédio às posições russas.

O plano inicial dos aliados previa o isolamento de Sebastopol pelo norte. Contudo, isso exigiria um ataque sobre o exército de campanha russo, enquanto os aliados estariam ameaçados pela guarnição da localidade. Por isso, o novo comandante-em-chefe francês, Pelissier, instou, com todos os recursos de sua personalidade e de sua vontade, um assalto às principais posições russas ao sul, logrando obter o apoio de outros comandantes e de seus superiores.

Depois de certo canhoneio às posições principais e após a redução das defesas exteriores, por meio de um assalto realizado na noite de 7 de junho, os exércitos avançaram para a captura das posições-chave, em 18 de junho. Contudo, o ataque fracassou, em decorrência da inadequada preparação de artilharia.

O comandante russo esforçou-se por aliviar a pressão sobre a fortaleza condenada, por meio de uma finta contra o flanco direito aliado. No entanto, o recurso falhou e, com ele, a última esperança de levantar o cerco.

Os aliados haviam aproximado seus canhões e começaram, sossegada e metodi-

camente, a abater as defesas, a cidade propriamente dita, as instalações portuárias e, até mesmo, os vasos de guerra no porto.

Naquele momento, o máximo que os russos poderiam fazer era responder com suas insuficientes baterias.

O assalto final começou em 8 de setembro. Os franceses conquistaram o reduto Malakhov. Já o ataque britânico não teve a força de seus aliados gauleses e, ao fim do dia, a posição continuava em poder dos russos.

Não obstante, os russos já haviam optado pela evacuação da cidade e, durante a noite, fizeram ir pelos ares muitas das fortificações e destruíram os paióis, enquanto as tropas, mantendo o inimigo à distância pelo fogo, retiravam-se pela ponte e em barcos a vapor para o norte, através do porto exterior.

No dia seguinte, Sebastopol e suas defesas foram ocupadas pelos aliados.

A evacuação da fortaleza preparou o caminho para a paz. Embora o jovem Alexandre II e seu governo dessem uma brava demonstração de ulterior resistência, o poderio militar da Rússia estava esmagado e seu espírito combatido.

O esforço de guerra aliado não se limitara à Criméia. Uma bem elaborada ação estratégica no Báltico, também um importante teatro de operações, permitiu aos aliados capturarem a Fortaleza de Bomarsund, em 1854, e destruírem Sveaborg, o arsenal de marinha de Helsinque, em 1855. Tais operações permitiram fixar 200 mil russos, que desequilibrariam a situação na Criméia. Outras ações navais também foram levadas a efeito no Ártico e no Pacífico.

Os britânicos prepararam-se igualmente para atacar Cronstadt e S. Petersburg, em

1856, pretendendo utilizar navios de guerra blindados. Entretanto, a operação não se realizou, devido ao término da guerra.

CONCLUSÃO

Forçados a aceitar a derrota, depois de infrutíferos esforços para dividir os seus antagonistas, os russos cederam finalmente à proposta da Áustria para uma conferência de paz, em 1856.

Tendo perdido 500 mil homens, grande parte pelo efeito de doenças, da desnutrição e das intempéries, e com sua economia arruinada, a Rússia teve que aceitar os termos de paz impostos em Paris.

Assim, devolveu todas as regiões e cidades conquistadas durante o curso das hostilidades, perdendo também o direito à proteção dos cristãos no Império Otomano, o qual foi transferido para as grandes potências da Europa Ocidental.

O principal objetivo aliado, que se resumia em garantir a independência e a integridade territorial do Império Otomano, preservando sua área de influência e o controle sobre as rotas navais no Mediterrâneo oriental, havia sido alcançado.

A paz de Paris, assinada em 30 de março de 1856, preservou o Império Otomano até a proclamação da república por Mustafa Kemal, em 1923, estancando as pretensões expansionistas da Rússia e privando-a da desejada saída para os mares quentes.

Além disso, outras medidas faziam pender para as potências européias ocidentais o controle do jogo de interesses geopolíticos da região: o Mar Negro seria neutralizado, isto é, declarado aberto para navios mercantes de todas as nações e livre de vasos de guerra e arsenais de marinha,

enquanto uma convenção especial sobre o problema dos estreitos decretava que a Estreito de Bósforo e o de Dardanelos seriam fechados aos vasos de guerra de todos os governos estrangeiros; para assegurar a liberdade de navegação sobre o Danúbio, a parte meridional da Bessarábia deveria ser cedida à Moldávia; e a Sérvia, a Moldávia e a Valáquia deveriam ficar sob a soberania turca e a garantia das potências contratantes.

Embora, por razões de prestígio, Napoleão III tenha utilizado a guerra como forma de assegurar seu poder e firmar sua dinastia diante dos demais países europeus, ironicamente, o resultado da Guerra da Criméia favoreceu a unificação da Alemanha, causa de sua ulterior queda em 1871.

Se uma ineficiente diplomacia levou à Guerra da Criméia, a ação desastrosa dos chefes militares, sua indecisão quanto à correta aplicação do seu poder de combate e suas condutas temerárias nas batalhas foram fatores quase sempre presentes naquele conflito.

Eventos desastrosos, como a famigerada *Carga da Cavalaria Ligeira* na Batalha de Balaclava, demonstraram a incompetência dos comandos de ambos os lados, obscurecendo a escala de importância e o significado do conflito.

Não obstante, pode-se colher dele diversos ensinamentos históricos.

Em primeiro lugar, revelou-se a importância do poder naval e de sua aplicação, quer em amplitude estratégica, quer em proveito das operações militares terrestres, mas, acima de tudo, revelou-se também o quanto o poder naval da Grã-Bretanha permitia-lhe assegurar uma hegemo-

nia militar, à qual, mesmo as outras grandes potências européias, dificilmente podiam se contrapor.

A Guerra da Criméia foi um campo de provas para novos equipamentos militares. Por isso, teve grande influência na condução de dois conflitos importantes que se seguiram, a Guerra Civil Americana e a Guerra da Tríplice Aliança. Aí reside não só a explicação para os lances sangrentos que caracterizaram esses conflitos, mas, também, para o excelente aproveitamento dos encouraçados – principalmente no segundo, para sufocar o esforço de guerra inimigo –, a utilização do *Minié*, do telégrafo e de outros equipamentos, que emprestaram enorme vantagem ao Exército Imperial do Brasil.

Todavia, as lições sobre a importância da preservação das condições sanitárias da tropa não foram bem aprendidas e, nas inóspitas condições do território paraguaio, milhares de vidas seriam dizimadas pelo cólera, pela febre amarela e por outros males.

Por outro lado, se a Guerra da Criméia se caracterizou pela infelicidade das ações táticas e por uma trágica série de erros militares e infortúnios, a escolha da Península da Criméia para a condução da ofensiva aliada, mesmo levando em conta um bom grau de subjetivismo na decisão de Napoleão III, que temia ter a mesma sorte de seu tio em um ataque direto à Rússia continental, e também as ações

no Báltico, foram exemplos de excelentes ações estratégicas, que poderiam ter conduzido a uma rápida e decisiva vitória.

As questões envolvidas na Guerra da Criméia continuaram apresentando seus efeitos por longo tempo. As disputas foram retomadas duas décadas depois e, em 1877, os russos invadiram os Bálcãs em consequência da repressão turca a revoltas de eslavos balcânicos. Porém, diante da oposição das grandes potências, recuaram outra vez.

No Congresso de Berlim, em 1878, a Romênia tornou-se independente, a Rússia

incorporou a Armênia e parte da Ásia, e a Áustria ficou com a Bósnia-Herzegóvina. Nos Bálcãs, no início do século XX, o crescente nacionalismo eslavo contra a presença turca levou a região à primeira das Guerras Balcânicas – uma das causas da Primeira Guerra Mundial.

Finalmente, a precária industrialização da Rússia, um país de economia agrária, com arcaicas instituições feudais, com suas primitivas indústrias, incapazes de produzir armas modernas e de acompanhar o dinamismo da Segunda Revolução Industrial, deixou evidente sua real fraqueza. Paradoxalmente, menos de um século e meio depois, corroborando o conhecido dito popular de que *a história sempre se repete*, o grande império soviético novamente viria a ruir, por não conseguir assimilar as exigências da ainda mais dinâmica Terceira Revolução Industrial. ☉

Embora, por razões de prestígio, Napoleão III tenha utilizado a guerra como forma de assegurar seu poder e firmar sua dinastia diante dos demais países europeus, ironicamente, o resultado da Guerra da Criméia favoreceu a unificação da Alemanha, causa de sua ulterior queda em 1871.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Antonio C. do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BENTO, C. M.; MARCONDES, S. M.-, SALLES, N. *História da doutrina militar - da antigüidade à 2ª GM*. Resende: AMAN, 1979.
- BLACK, Jeremy. *War and the world - military power and the fate of continents 1450 - 2000*. London: Yale University Press, 1998.
- CHANDLER, David G. *Dictionary of battles - the world's key battles from 405 BC to today*. New York: Henry Holt and Company, 1988.
- *Great battles of the british army*. Londres: Arms and Armour Press, 1991.
- COWLEY, Robert; PARKER, Geoffrey. *The reader's companion to military history*. New York: Houghton Mifflin Company, 1996.
- FOSTER, Thomas; GRAHAM, Burton; REVIE, Alistair. *Battle - a history of conflict on land, sea and air*. London: Marshall Cavendish, 1974.
- SANTOS, Francisco Ruas. *Arte da guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Ed., 1998.

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

Coleção General Benício



História das Lutas com os Holandeses no Brasil, desde 1624 a 1654

Francisco A. de Varnhagen

O estudo de Varnhagen tem caráter de relato factual, com detalhes dos combates em geral e do regime de coexistência que perdurou, durante a governança de Nassau, entre holandeses e luso-brasileiros. É uma interpretação com base em pesquisas nas várias capitais européias, com notas elucidativas de pé-de-página que serviram a historiadores brasileiros posteriores como: Rocha Pombo, Calógeras e, mais recentemente, Gonçalves de Melo e E. Cabral de Melo.